

Um marco para a ascensão social

No início do século, colégios como o Santo Inácio, o São Bento, o Sacré Coeur e o Sion formavam os jovens da alta sociedade carioca. Os pequenos cursos espalhados pela cidade não tinham autonomia para aprovar seus alunos e as provas eram realizadas no Colégio Pedro II, então sob administração do governo federal. O Andrews surgiu do projeto da professora Isabel Andrews de criar uma escola mista e leiga — com meninos e meninas e sem as normas católicas — e com ensino de inglês no jardim de infância e francês nas primeiras séries do primário.

Em 1936, a criação dos Cursos Suplementares deu ao Andrews a condição de preparar seus alunos para os cursos superiores, o objetivo da maior parte dos estudantes do colégio. A Constituição de 1937, que proibia a acumulação de cargos públicos, fez com que muitos professores da Universidade do Brasil, considerados a elite intelectual da época, passassem a dar aulas no Andrews, trazendo para o colégio a imagem de centro propagador de cultura.

Judeus — “O colégio sempre esteve atento às expectativas do segmento da sociedade a que serve”, diz o diretor-executivo Edgar Flexa Ribeiro, que fala da década de 30 como marco da política liberal da escola. “Nessa época, os judeus viviam uma situação equívoca no Brasil, por causa da ameaça fascista que se abateu sobre o governo Getúlio Vargas. O Andrews nunca exerceu o menor tipo de constrangimento a essa comunidade, o que contribuiu para a identidade que o colégio tem hoje.”

Filhos de várias comunidades de imigrantes, como judeus, espanhóis e portugueses, passaram a ser matriculados no Andrews, como forma de alcançar a ascenção social sonhada pelos pais.

Foi no Andrews, em 1943, que surgiu o serviço de orientação educacional para atendimento pessoal dos estudantes. Depois vieram o laboratório de psicologia escolar e o serviço de orientação pedagógica, utilizados hoje em toda a rede escolar brasileira. Nas décadas de 50 e 60 uma nova experiência proporcionou a possibilidade de especialização em alguns temas: as classes experimentais para atualização do ensino, absorvendo novas tendências e eliminando matérias consideradas arcaicas. O ensino do latim perdeu espaço para os das línguas vivas, à simples memorização das regras gramaticais somou-se a leitura dos principais escritores, a história do mundo e do Brasil passaram a ser ensinadas dentro dos contextos econômicos e políticos e foram introduzidas atividades como artes plásticas, desenho artístico — em lugar do geométrico — e teatro amador.